

Eleição preocupa americanos

Argemiro Ferreira
Correspondente

Nova Iorque — Graças às eleições, o Brasil torna-se de novo tema da imprensa dos EUA, quase com a mesma frequência da Copa do Mundo e do período anterior ao impeachment do ex-presidente Collor. Anteontem, o alto da terceira página do *New York Times* foi dedicado ao assunto que já tivera espaço amplo, na véspera, no *Christian Science Monitor*, de Boston.

Na matéria, sob o título “**Results of Brazilian Elections Will Affect US Trade, Investment**” (Resultado das eleições brasileiras afetará comércio e investimentos americanos), o jornal de Boston afirma que “qualquer que seja o vencedor das eleições presidenciais, ajudará a determinar se as relações EUA-Brasil continuarão a melhorar ou se tornarão de novo instáveis” — afirmação contestada em carta enviada ao jornal pelo embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima.

Favorito — Os dois candidatos, acrescentou o *Monitor*, oferecem pontos-de-vista francamente distintos sobre os temas comércio e investimento externo.

“O favorito Fernando Henrique Cardoso favorece a redução de tarifas e encoraja investimentos americanos; seu principal desafiante Luís Inácio Lula da Silva advoga política nacionalista para proteger empregos brasileiros”.

O autor refere-se a pressões americanas em vários setores, ci-

tando suposta discriminação do governo brasileiro em sua política de concorrências públicas.

Ele cita a pesquisadora do IBA-SE Flávia Mello, para quem não existe qualquer acordo internacional que impeça o Brasil de dar preferência a empresas domésticas — comportamento idêntico ao de muitos outros países.

Estatais — Os EUA, segundo o jornal, também pressionam o Brasil a vender estatais das áreas de petróleo e telecomunicações, como aconteceu em outras partes da América Latina. O ex-secretário Assistente de Estado Adjunto Albert Fishlow, citado também na matéria, diz que a venda de estatais reduziria o déficit do governo e que as empresas privatizadas seriam mais eficientes.

Enviada do Rio e assinada pelo correspondente Reese Erlich, a matéria do *Monitor* foi respondida no mesmo dia pelo embaixador brasileiro Paulo Tarso Flecha de Lima, que denunciou “imprecisões flagrantes” e “conclusões não fundamentadas”, principalmente por ter o texto atribuído a liberalização do comércio no Brasil às pressões dos EUA.

“Na verdade, essa política, que tem amplo apoio no Brasil, reflete tanto fatores domésticos, tais como o reconhecimento de que o modelo de substituição de importações está hoje obsoleto, como muitos fatores externos, como as recentes e profundas mudanças no quadro econômico internacional”, afirma a carta do diplomata.